DESAQUECIMENTO DA ECONOMIA CHINESA: POR QUE O MOTOR NÃO QUER PEGAR

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2]

O desaquecimento da economia chinesa neste ano contrariou as expectativas, com indicadores mais fracos do que o esperado. A crise no mercado imobiliário e a cisão no comércio com os Estados Unidos (EUA) contribuíram para essa dinâmica. Embora essa desaceleração tenha repercussões globais, o impacto sobre o agronegócio brasileiro deve ser moderado, devido à baixa elasticidade-renda dos produtos exportados para a China e à substituição das importações norte-americanas.

APÓS O fim da política "COVID Zero" pela China e a sua reabertura econômica para o mundo, a perspectiva era de que a economia chinesa apresentaria uma rápida e consistente recuperação neste ano, tal como ocorreu com uma grande parte das nações após o fim das medidas mais restritivas para conter a pandemia.

Contudo, a realidade tem frustrado as expectativas, com indicadores econômicos apresentando-se menos animadores do que era esperado. Com isso, a promessa do governo chinês de fazer o país crescer 6,5% neste ano já está completamente fora do radar; algumas instituições projetam uma expansão entre 4,0% e 4,5%.

Considerando que a China é a segunda maior economia do mundo, está evidente que o desaquecimento dessa nação pode trazer consequências para a economia mundial, com destaque para os mercados de *commodities*. Desde já, felizmente, prevê-se que os possíveis impactos sobre o agro brasileiro, se houver, serão bem modestos.

DIVERSOS INDÍCIOS DE UMA ECONOMIA CHINESA MAIS FRACA

Vários são os sinais que indicam que a economia da China está mais fraca e explicam a desaceleração do seu Produto Interno Bruto (PIB) ao longo deste ano. Entre esses sinais, os seguintes podem ser destacados:

- Varejo: em julho último, de acordo com o National Bureau of Statistics of China (NBS), as vendas do varejo registraram uma expansão de 2,5% em relação às do mês anterior, após um crescimento de 3,1% em junho. Essa desaceleração do varejo chinês, que é uma métrica bastante importante para mensurar o aquecimento do consumo interno, foi um dos principais motivos do corte de algumas das principais taxas de empréstimos pelo Banco Popular da China.

- Indústria: o Purchasing Managers' Index (PMI) do setor de manufatura, que é um índice que mede a atividade industrial chinesa, passou de 50,1, em janeiro último, para 49,7, em agosto. Em maio, atingiu o menor valor para o ano: 48,8. Ou seja, apesar da leve recuperação nos últimos meses, a atividade industrial, claramente, não está apresentando a dinâmica positiva de outrora.

- Comércio exterior: as exportações chinesas, em julho (último dado disponível até o momento em que este texto era redigido), foram 14,5% menores do que o registrado no mesmo mês de 2022. Vale destacar que, desde outubro último, as exportações chinesas vêm apresentando contrações para essa base de comparação. As importações também contraíram sucessivamente, sendo que, em julho, a queda foi de 12,4%.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS EXPLICAÇÕES DO DESAQUECIMENTO DA CHINA?

O centro dos problemas econômicos da economia chinesa está no mercado imobiliário. Nas últimas décadas, esse setor cresceu de forma exponencial, impulsionado por uma combinação de fatores, tais como: crescimento econômico acelerado; juros baixos; aumento demográfico; políticas governamentais que incentivavam a compra de imóveis; expansão de renda da população; e limitadas alternativas de ativos para alocação de poupança pelas famílias chinesas. Consequentemente, o setor imobiliário passou a ser um dos principais motores da economia, representando mais de um quarto do PIB dessa nação.

Contudo, em 2021, o governo chinês passou a adotar diversas medidas para conter a especulação imobiliária, diminuir o comportamento arriscado das construtoras e tentar desinflar a "bolha" criada nesse setor. Para isso, as autoridades chinesas vêm aumentando, por exemplo, os requisitos de capital para incorporadoras, reduzindo o crédito

imobiliário, além de proibir vendas pré-lançamento. Como resultado, as incorporadoras imobiliárias começaram a enfrentar dificuldades financeiras.

Nesse contexto, combinado ao excesso de oferta já existente, a população da China reduziu a sua demanda por imóveis, o que levou a uma queda de preços, dada a oferta elevada desses bens. Como resultado, o setor imobiliário chinês, que, antes, era um dos principais motores da economia chinesa, está em crise. Para ilustrar: de acordo com o NBS, o investimento imobiliário entre janeiro e agosto deste ano foi 8,8% menor do que o verificado no mesmo período de 2022. Além disso, o indicador de novas construções iniciadas contraiu 24,4% no mesmo período.

Contudo, a crise no setor imobiliário da China, que é um componente conjuntural, não é o único fator que explica a desaceleração dessa economia. Há uma questão bem mais estrutural que também responde por essa dinâmica: está ocorrendo uma cisão do comércio internacional entre os EUA e a China. Ou seja, a economia norte-americana vem comprando menos da chinesa, e vice-versa.

Como resultado, de acordo com o NBS, as exportações da China para o mundo, conforme já citado anteriormente, vêm contraindo desde o final de 2022 e a participação do valor dos produtos chineses nas importações norte-americanas (e, de modo geral, das economias avançadas) desacelerou em 2022 e passou a cair ao longo de 2023.

Além disso, a moeda chinesa (*yuan*) vem perdendo valor frente à moeda norte-americana. Em outras palavras: em dólar, a população da China está relativamente mais pobre, contribuindo para a redução da demanda chinesa por produtos importados.

COMO A DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA CHINESA DEVERÁ IMPACTAR O BRASIL?

Mesmo com a leve melhora de alguns indicadores em agosto último, é fato que a economia chinesa vem desacelerando ao longo do ano. A perda de fôlego da segunda maior economia do mundo, em um cenário globalizado, deverá trazer, certamente, consequências para as nações que tenham alguma relação comercial com a China.

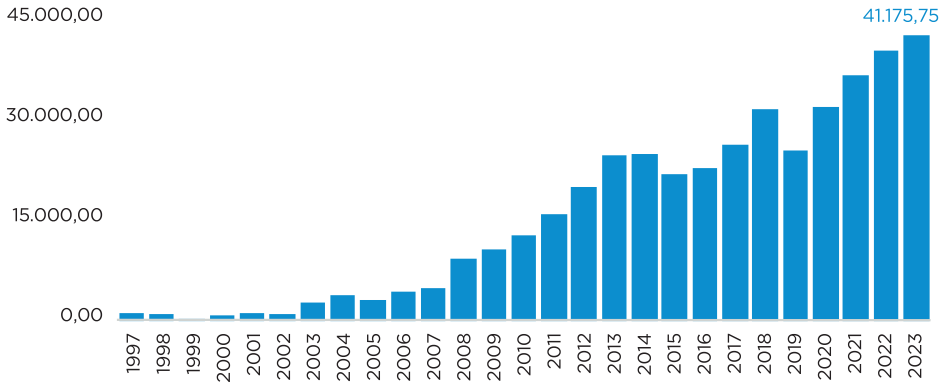
No entanto, considerando o agronegócio brasileiro, espera-se que o impacto seja moderado, uma vez que os produtos demandados pela China têm, de modo geral, baixa elasticidade-renda da demanda. Isto é, por serem produtos essenciais, de modo geral, mesmo que a renda diminua significativamente, a quantidade demandada contrai em uma proporção bem menor.

Além disso, como a China vem substituindo as importações provenientes dos EUA pelas de outros parceiros (entre eles, o Brasil, principalmente no caso do milho), a possível queda das exportações brasileiras para a economia chinesa, por conta de uma demanda menor daquele país, pode ser mais do que compensada pela substituição das importações norte-americanas.

Diante disso, mesmo com a desaceleração da economia chinesa, as exportações do agronegócio brasileiro aumentaram 5,6% no ano (isto é, de janeiro a agosto deste ano frente ao mesmo período de 2022, em termos reais), de acordo com o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), correspondendo ao destino de 36,5% do valor das exportações do agronegócio do Brasil. Com isso, em dólares, foi o maior valor exportado para a China desde 1997 (em termos reais e considerando os primeiros oito meses de cada ano).

Enfim, a China vem desaquecendo, e o seu governo vem adotando algumas medidas (como redução de juros, corte no imposto sobre negociações na bolsa de valores, entre outras) para conter ou reverter essa desaceleração. O desaquecimento de uma economia do porte da chinesa não é benéfico para o mundo, contudo as características das atuais relações comerciais brasileiras com a China impedem um impacto maior sobre as exportações do agronegócio do Brasil, ao menos no curto prazo. ■

EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO PARA A CHINA – VALORES ACUMULADOS ENTRE JANEIRO E AGOSTO DE CADA ANO (US$ MILHÕES)



*Valores reais deflacionados pelo Consumer Price Index (CPI) – ano-base: 2023
Fonte: MAPA

1 Pesquisadora do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) – roberta.possamai@fgv.br
2 Professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br